

## EM LOUVOR do “ARTIFICIAL”

Henrique Garcia Pereira

[hpereira@alfa.ist.utl.pt](mailto:hpereira@alfa.ist.utl.pt)

### RESUMO

Um dos principais factores que tem contribuído para o desenvolvimento baseado no conhecimento científico é a emergência hegemónica do ARTIFICIAL em todas as facetas da vida, tanto individual como colectiva. Não há dúvida de que o mundo em que vivemos hoje é (quase) totalmente artificial, isto é, feito pelo HOMEM (e cada vez mais, pela MULHER). De facto, tudo de que dependemos, a começar pela nossa alimentação, é ARTIFICIAL, é feito por nós (e isto desde a revolução neolítica, quando o homem se sedentarizou e começou a domesticar os animais e as sementes, há 7 mil anos).

Nos nossos dias, as lutas que se desenvolvem contra os OGM (Organismos Geneticamente Modificados) têm por alvo as multinacionais que pretendem manter o direito de propriedade sobre o germoplasma da planta, isto é, sobre a informação genética contida na sua semente. Tais lutas, aparentemente dirigidas contra o artificial, inscrevem-se de facto na questão de um pretenso COPYRIGHT que nos querem impor, em paralelo com o que acontece com a coisa mais artificial que há, a INTERNET.

Com a NET e com as lutas contra a imposição de um absurdo controle sobre a informação e o conhecimento, chegamos ao âmago da contemporaneidade, em que as pessoas lidam cada vez menos com coisas materiais e cada vez mais com SÍMBOLOS, isto é, com ‘padrões que apontam para outros padrões’. Esta desmaterialização generalizada (e globalizada) só pode conduzir (literalmente) a um certo aligeirar a vida, que assim se torna menos ‘grave’, à medida que a inexorável lei da gravidade se vai arredando dos processos produtivos.

Se acabarmos com o *copyright* e com as patentes, a ‘democratização’ do acesso à informação através da Internet converge assim com um novo tipo de desenvolvimento baseado na inteligência repartida em rede. E o artificial que nasce desta convergência só pode conduzir a um acréscimo na qualidade dessa vida que se prolonga cada vez mais, por processos cada vez mais artificiais...

## GENEOLOGIA DA VALORAÇÃO RELATIVA DO NATURAL vs. ARTIFICIAL

A partir da obra seminal de Herbert Simon, um dos fundadores da cibernética e da teoria da decisão (Simon, 1996), é possível relativizar a aura que envolve todas as ideologias baseadas no ‘natural’, abrindo para uma categoria que tem influenciado crucialmente o desenvolvimento económico da modernidade (e a própria vida das pessoas): o ‘artificial’.

Para a desconstrução do mito do natural, a primeira tarefa é demolir a equiparação que é feita comumente entre o ‘natural’ e o biológico. Se uma floresta pode ser ‘natural’ (e é-o cada vez menos<sup>1</sup>), um qualquer campo de trigo ou de outra planta comestível é tão artificial como uma auto-estrada ou um arranha-céus de Chicago (Fig. 1).



Fig. 1 – O artificial no ‘campo’ e na ‘cidade’

Tudo de que dependemos para a sobrevivência, a começar pela nossa alimentação, é artificial, é feito por nós (e isto desde a revolução neolítica, quando o homem se sedentarizou<sup>2</sup> e começou a domesticar os animais e as plantas). Mas a linguagem (e principalmente a linguagem) parece reflectir uma espécie de ‘desconfiança’ em relação àquilo que é, de facto, feito por nós. Na verdade, tudo o que é ‘natural’ aparece ligado à honestidade, à verdade, ao real, ao simples, ao equilibrado, enquanto que o artificial tem sempre um sentido pejorativo, não é ‘genuíno’, é complicado, é ‘falso’, maléfico, e até perigoso.

---

<sup>1</sup> Em Simmons, I. (1993) pode ver-se como o homem sempre manipulou a floresta, à custa do fogo. Nos últimos anos, esta manipulação desenrola-se em todas as escalas, com a engenharia genética e as grandes plantações dirigidas para certos germoplasmas.

<sup>2</sup> Estabelecendo a noção de ‘casa’ como o resultado da transferência de um estado ‘natural’ para um ecossistema artificial, cuja construção é determinada pelos fins a que se destina.

E se o homem deixa de acarinhar as suas próprias obras (como acontece com o Dr. Victor Frankenstein que repele o monstro que se aproxima dele *en quête d'amour*<sup>3</sup>), não é de admirar que esse amor não correspondido dê lugar a algumas monstruosidades.

Na raiz do (quase) generalizado repúdio pelo artificial (acompanhado manicaisticamente pela sobrevalorização do 'natural', surge um estranho conluio entre uma (aparentemente paradoxal) série de forças, pressões e influências que procuraremos identificar e discutir.

Em primeiro lugar, há os FUNDAMENTALISMOS TEOLÓGICOS, que, sem grande preocupação de rigor, louvam simplesmente a natureza, como o trabalho dum deus qualquer.

Há depois o POSITIVISMO CIENTÍFICO, evoluindo para o 'cientismo' contemporâneo, que quer descrever o mundo em termos de umas certas leis da Física (que terão de ser por força 'sóbrias e belas', vistas como o desígnio do 'grande arquitecto'<sup>4</sup>).

Nos últimos anos, apareceu o ECOLOGISMO SELVAGEM, que quer 'conservar'<sup>5</sup> tudo o que existia antes da acção do homem (ou regressar ao habitat do 'bom selvagem', embora não haja dúvida de que este levava uma vida *short, nasty and brutal*, como dizia Hobbes). Mas, no fundo, neste ecologismo *avant et après la lettre*, espera-se sempre alguma intervenção divina 'para salvar o planeta' (a matriz romântica *à la* Shiller atravessa algum modernismo – com criadores como D.H. Lawrence, T. S. Eliot, W. Whitman, Gauguin e até Picasso -, atingindo hoje o espiritualismo *à la* Lovelock, com a sua Gaia vista como um organismo vivo, condimentado com um *flavour* de *New Age*).

Há, finalmente os MASS MEDIA que inundam o espaço simbólico com as mais variadas efabulações sobre animais mais ou menos simpáticos 'em perigo de extinção', sobre vegetais ameaçados, e sobre minerais desvirtuados da sua função como 'fontes de contemplação' (e nesta atitude, o volúvel Walter Disney junta-se às respeitadas BBC e National Geographic Magazine).

---

<sup>3</sup> O génio de Mary Shelley consiste precisamente em mostrar que o verdadeiro monstro era o Dr. Frankenstein, visto que ele não quis assumir a responsabilidade das consequências potenciais (para ou outros) da sua obsessiva 'busca do conhecimento' (dirigida para os seus próprios fins).

<sup>4</sup> Posso então dizer que 'venha deus e escolha' entre a atitude teológica pura e dura e o panteísmo baseado no velho 'princípio da parcimónia' (que escolhe sempre a solução mais simples, nem que seja à navalhada, como já pregava William d'Occam no século XIV. Curiosamente, as 'ciências moles' como a história têm uma atitude muito mais razoável: Lucien Febvre dizia que quando um problema lhe surgia como 'simples', a sua tendência era juntar-lhe novas dimensões, complicá-lo (o papel do historiador não é simplificar o real, mas procurar nele a complexidade, *vd.* Febvre, 1999)

<sup>5</sup> Notemos que qualquer atitude ligada à 'conservação' é forçosamente 'conservadora' (avessa à complexidade e à mudança): prefere um mundo paroquial de culturas isoladas e inimigas a um cosmopolitismo multicultural, globalizado e interdependente. Se nos basearmos nos 'ciclos longos' da história do planeta verificamos que ele sobreviveu a inúmeros e intensos 'choques' provocados por mudanças climáticas muito mais extremas do que aquelas que vivemos hoje (pensemos só nas transformações após as grandes glaciações), demonstrando uma 'robustez' por *feed-back* negativo que desafia qualquer "princípio de precaução" (em vez do imobilismo que tal princípio induz, não será preferível actuar de modo a que a nossa espécie não seja uma das 'sacrificadas' por tais choques?).

Nos Parques Naturais dos Estados Unidos (‘movimento’ que começou em 1872 com o mediático Yellowstone), as pessoas acabam por não conseguir ‘fruir a natureza’, dada a extrema repressão a que estão sujeitas (são mais as coisas que NÃO se pode fazer do que aquelas que se pode fazer).

Este conluio de *lobbies* tão díspares contra o artificial tem de ter raízes profundas na ‘natureza humana’. E o que há de comum entre as várias atitudes que analisámos é de facto o mito do ‘paraíso perdido’, o lamento pela condenação do homem a este mundo onde é preciso trabalhar (e não só ‘contemplar’, com faziam os ‘gregos’, apoiados na escravatura). E do ‘paraíso perdido’ aos messianismos (ou aos milenarismos) vai um passo: um passo para trás, guiado por um qualquer iluminado (ou um passo para a frente, induzido pela ideia absurda de que todo o princípio tem de ter um fim).

## OS ‘GREGOS’ E A FÍSICA DOS NOSSOS DIAS

A Arcádia dos ‘gregos’ é uma das formas do mito do ‘paraíso perdido’ que mais influenciou a ‘civilização ocidental’. Para suavizar um pouco este ‘prestígio’ dos ‘gregos’, podem apresentar-se exemplos, revelados pela arqueologia (Runnels, 1995), de como, já na época clássica, o ambiente era usado de um modo (quase) tão predatório como nós. De facto, o estado desolador em que se encontram as montanhas do Peloponeso resulta da prática de uma agricultura intensiva que impedia a regeneração dos solos, transformando a ex-bela Hellade num monstro que pede meças ao monstro do Dr. Frankenstein (Fig. 2).

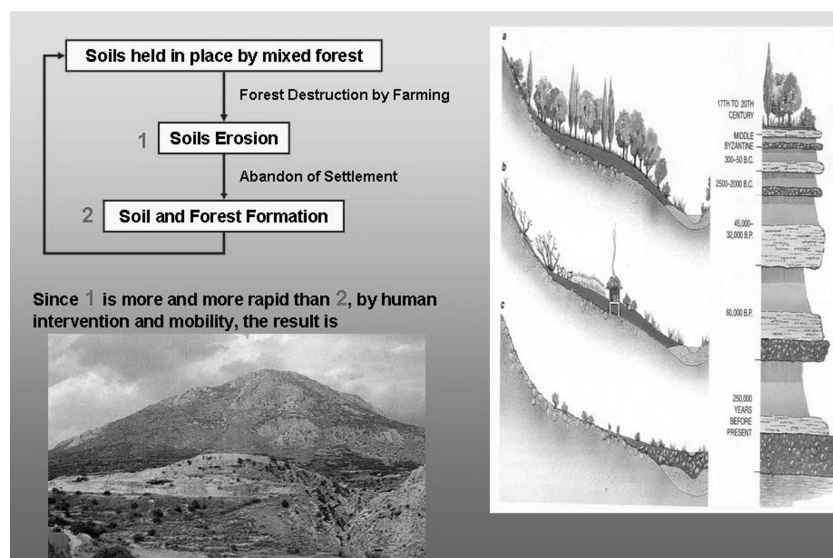


Fig. 2 – Os ‘gregos’ e o ambiente ou a desflorestação do Peloponeso na época clássica

Mas ‘gregos’ há muitos: são uma manta de retalhos, da qual passou para o *mainstream* da Ciência dos nossos dias a ideia básica da procura obsessiva do UNO, ‘escondido’ sob a variedade e multiplicidade das coisas. Da geometrização do espaço em Pitágoras à sua euclideação por Newton e à invariância dos difeomorfismos de Riemann, o caminho é claro: há que preservar a unidade da Física, à custa de um *a priori* qualquer que se pode associar sempre, a diferentes níveis, com a ‘intuição pura formal’ de Kant (Rosa, 2005). Essa mesma busca obsessiva da ‘unidade’ - estendida a um âmbito cada vez mais geral<sup>6</sup> (e visando sempre a ‘elegância’, harmonia e simplicidade do Cosmos, cuja ordem se opõe ao caos, desde os ‘gregos’) - renasceu nos anos 80 do século XX com a ‘teoria das cordas’ que, pretendendo ligar a mecânica quântica com a relatividade geral, se pretendia arvorar numa TEO (Theory Of Everything). Quando se esgotou o arsenal de nomes a atribuir às partículas que se iam descobrindo todos os meses, houve que encontrar outros seres, ‘as *strings*’, coisa de que não há o menor sinal empírico, mas que, até literalmente, ajuda a afinar a sinfonia cósmica, como as cordas - essas sim, ‘físicas’ - do violino de Einstein. Felizmente que, antes da viragem do século, apareceram 5 (!) versões da teoria, as quais exigiam 6(!) dimensões ‘ocultas’, para além das três do espaço euclidiano, o que deixou um pouco desanimados (e até angustiados) aqueles que acreditavam nas ‘cordas’ para unificar toda a física (Fig. 3).



Fig. 3 – O desespero dos físicos perante a complexidade do Universo

<sup>6</sup> Note-se que as sucessivas tentativas de generalização, têm sempre como ‘ponto de honra’ manter uma certa validade no domínio anterior (a relatividade não elimina a física newtoniana, altera-lhe ligeiramente os ‘invariantes’, que continuam válidos no espaço euclidiano). Parece então que as mudanças de paradigma da Física têm um pendor ‘conservador’ (não é por acaso que os físicos mostram tanta estima pelos seus preciosos princípios da ‘conservação’). Esta atitude é análoga à que foi atrás identificada em algum ecologismo, e não está muito longe da do Conde de Salinas que - no «Leopardo» de Lampedusa (e de Visconti) - dizia que é “preciso que alguma coisa mude para que tudo fique na mesma”...

## A ENGENHARIA ABSTRACTA E A VIDA ARTIFICIAL

Nos antípodas do pedestal em que se encontrava o cientista, emerge com a revolução industrial uma personagem nova, o engenheiro. Este surge na esteira dos menosprezados artesãos, cuja obra era relegada pelos ‘gregos’ para o domínio da *techne* (onde se situava também a arte). Assim, não é por acaso que se designam por OBRAS DE ARTE os artefactos feitos pela engenharia civil tradicional: pontes, viadutos e outras infraestruturas. É claro que os engenheiros que constroem essas obras não violam as leis ‘naturais’, põem-nas ao serviço de determinados objectivos, de que o desenvolvimento económico é um dos mais importantes.

Mas o que acontece hoje é que o desenvolvimento depende cada vez mais de símbolos, e menos de coisas ‘naturais’. De facto, as actividades do imaterial tornaram-se neste século hegemónicas, no sentido gramsciano (e isto em flagrante analogia com o que acontecia no século XX, quando o modelo industrial – tão minoritário nesse tempo como o pós-industrial é hoje – invadiu toda a sociedade, levando o FORDISMO a instalar-se na família, no exército, na escola, em todas as instituições sociais).

Com a hegemonia do simbólico, os objectivos a atingir com os processos do artificial são cada vez mais diversos e cambiantes, o que implica que a engenharia se torne cada vez mais abstracta, dedicada ao design de interfaces voláteis, entre o ambiente exterior e um sistema qualquer, cuja estrutura interna é permanentemente recombina (Pereira, 2000).

O engenheiro produz assim colectivamente artefactos com as propriedades requeridas pelo processo, sem precisar de analisar os ‘constituintes intrínsecos do sistema que constrói. Para isso, tem de fazer escolhas *ad hoc*, usar coeficientes empíricos, satisfazer-se com ordens de grandeza e com um ‘conhecimento aproximado’ que não se limite às equações diferenciais facilmente integráveis (as que constavam nas tristemente célebres ‘tabelas’), baseadas em variáveis “reais e contínuas”. Só assim se consegue abordar empiricamente a complexidade, a turbulência, o *scale up* não linear, essas magnas questões que agora preocupam a ‘*big science*’, mas que eram, há muito, o dia-a-dia dos engenheiros (que sempre encararam a complexidade de frente).

O tipo de conhecimento característico dos engenheiros parece-se mais com AS COISAS DA VIDA do que aquelas assépticas ciências ‘puras’, baseadas no *a priori* ajudado por inúmeras hipóteses simplificadoras, coisa que a vida não admite. Surge então, quase paradoxalmente, a questão da VIDA como um aspecto crucial das ciências do artificial.

E assim, não é de estranhar uma ‘estranha’ analogia que se pode fazer entre o papel de um certo engenheiro, que lança mão da física para que as coisas funcionem e de alguns médicos que se apoiam na biologia, não para estudar a vida, mas para salvar vidas (modificando-as concomitantemente).

Poder-se-á assim dizer que esse engenheiro procura dar (algum tipo) de qualidade à vida que o médico tenta prolongar (tão artificialmente quanto for possível), fazendo a ponte entre o aumento de esperança de vida despoletado pelos antibióticos a seguir a 1945 e as próteses de toda a ordem que a engenharia bio-médica produz hoje.

Não será certamente por acaso que os incipientes *expert systems* construídos nos anos 70 do outro século, e que foram pioneiros em tudo o que se fez em IA a partir daí, aparecessem no domínio da engenharia e da medicina.

E na base desta atitude comum ligando a vida com o artificial pode talvez voltar a encontrar-se a velha ideia de Marx de que já basta de interpretações do mundo, o que é preciso agora é transformá-lo (o mesmo se pode dizer de Christopher Langton, o pai da VIDA ARTIFICIAL<sup>7</sup>, que só se interessava pela “*life as it could be*”, e não pela “*life as it is*”, vd. Langton, 2000).

Na verdade, Langton foi o precursor, nos anos 80 do século XX, de um procedimento de modelação - dito *bottom-up* - que abalou os alicerces da antiga GOF AI (*Good Old Fashioned Artificial Intelligence*), enraizada numa demiúrgica antevisão *a priori* de todos os *courses of action* que um determinado sistema podia tomar. Este novo procedimento *bottom-up* tem a ver simultaneamente com a vida, quando a vemos evoluir para uma crescente complexificação, e com a engenharia, que começa sempre pelas fundações antes de fazer o telhado. No contexto da modelação *bottom-up*, surge um sistema de auto-organização baseado num pequeno número de regras elementares, mas que leva a um comportamento emergente muito complexo (Langton, 2000).

Este modelo de Langton, que deu origem aos ‘autómatos celulares’ – a partir dos quais Stephan Wolfram construiu uma ‘*new kind of science*’ (Wolfram, 2002) -, funciona sem ‘plano prévio’ nem qualquer mecanismo de controle central.

O modelo desenvolve-se num reticulado infinito de células quadradas, onde uma formiga inicia o seu movimento de acordo com as regras expressas na Fig. 4A. Inicialmente, a formiga desloca-se sempre na vizinhança do seu ponto de partida, mas, ao fim de um certo tempo, começam a surgir padrões como o que se exemplifica na Fig. 4B. Quando se atingem as 10000 iterações, emerge a Fig. 4C, que faz lembrar uma auto-estrada construída por um engenheiro (dirigida para um ponto preciso, indicado pela seta).

---

<sup>7</sup> A polémica sobre a ‘vida artificial’ é mais antiga do que parece. De facto, quando em 1830 Friedrich Wöler sintetizou a ureia (um composto orgânico, próprio da vida, que era o produto final do metabolismo das proteínas no Homem e nos ‘animais superiores’), a partir de substâncias inorgânicas tão corriqueiras como a amónia e o ácido cianídrico, levantaram-se contra a ‘heresia’ de dispensar o nobre rim para obter um produto ‘natural’ as mesmas vozes que hoje se insurgem contra a pretensão de simular em computador os mecanismos da vida. No século XIX, a fronteira erguia-se entre o orgânico e o inorgânico, hoje estabelece-se entre o físico e o mental (a actualidade do *mind/body problem* mostra que não se conseguiu ainda desfazer a separação instituída por Descartes). Desde que a computação - uma operação mental - é *physically embodied*, a osmose entre o Homem e a máquina está na ordem do dia. E qual seria o teste, equivalente ao de Turing, para decidir do ‘carácter’ orgânico da ureia?

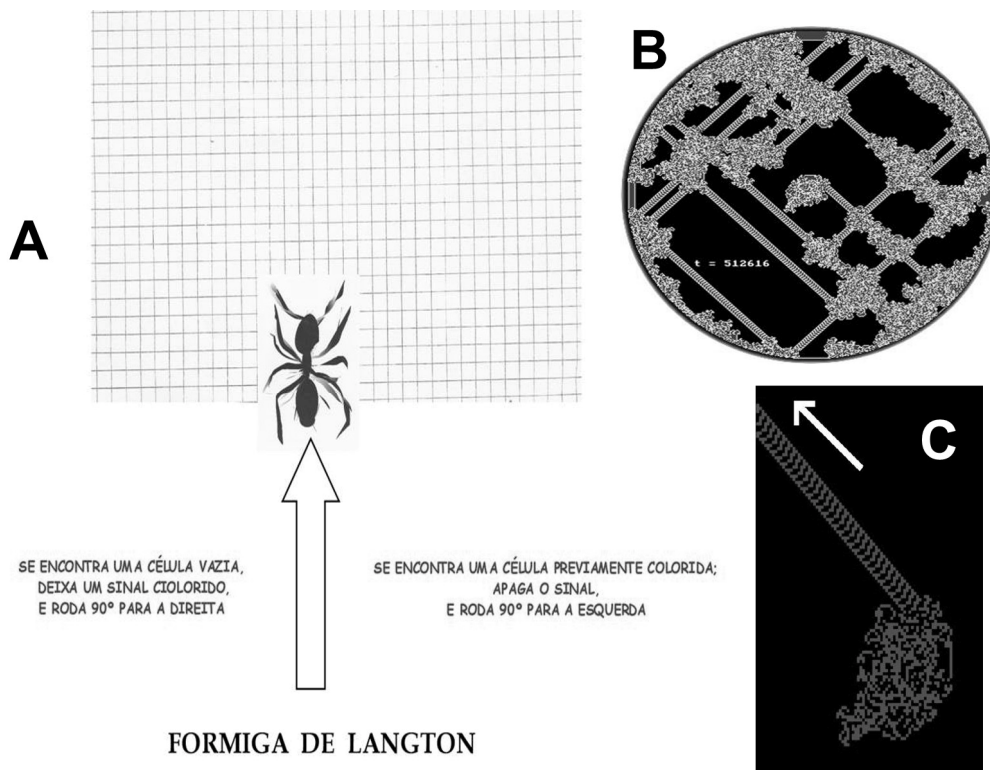


Fig. 4 – A emergência de padrões complexos a partir de um mecanismo elementar

As novas constelações *bottom-up* que tendem a proliferar explosivamente no ciberespaço são, cada vez mais, formas especiais de redes repartidas, inspiradas no comportamento colectivo de insectos eusociais, cuja base é o modelo da Formiga de Langton.

## O DESENVOLVIMENT E AS REDES REPARTIDAS

E a grande novidade é que os novos modelos não lineares em rede deitam para o caixote do lixo da história os antigos instrumentos mais ou menos formalizados para efectuar ‘previsões’, com os quais o ‘actual’ era (por vezes) comparado, acabando por levar a uma de duas atitudes:

- O ‘desânimo’ pelo ‘rumo que as coisas estão a tomar’, em face do que era previsto em utopias ‘positivas’.
- O ‘descrédito’ completo de qualquer modelo, porque os resultados observados hoje não correspondem em nada aos CATASTROFISMOS previstos pela extrapolação linear de comportamentos negativos (como acontece com as celebradas profecias do CLUBE DE ROMA sobre a exaustão de recursos minerais, que se iria dar em datas que foram sucessivamente passando – a última era 1990, para o ‘fim’ do Zinco).



E os novos modelos não-lineares integram-se hoje no próprio processo do conhecimento, através dos algoritmos de SIMULAÇÃO, que permitem comparar diferentes cenários possíveis do PRESENTE, em face de uma situação de partida, bem caracterizada no passado. No quadro de um modelo simplificado deste tipo, se pretendermos, de um modo aproximado, quantificar alguma coisa a que se possa chamar ‘desenvolvimento agregado’, partimos de uma situação anterior, por exemplo os anos 50 do século XX, e comparamos alguns indicadores desse tempo com o que se verifica na actualidade<sup>8</sup>, sem qualquer pretensão de ‘adivinhar’ o futuro (vd. Fig. 5).

Da análise da Fig. 5, verifica-se que - embora a *décalage* entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento no período 1950-2000 tenda a crescer com o próprio crescimento de ambos os grupos -, o aumento global do PIB excede largamente a tão temida explosão demográfica (a qual não pode ser ‘prevista’ por nenhum meio credível).

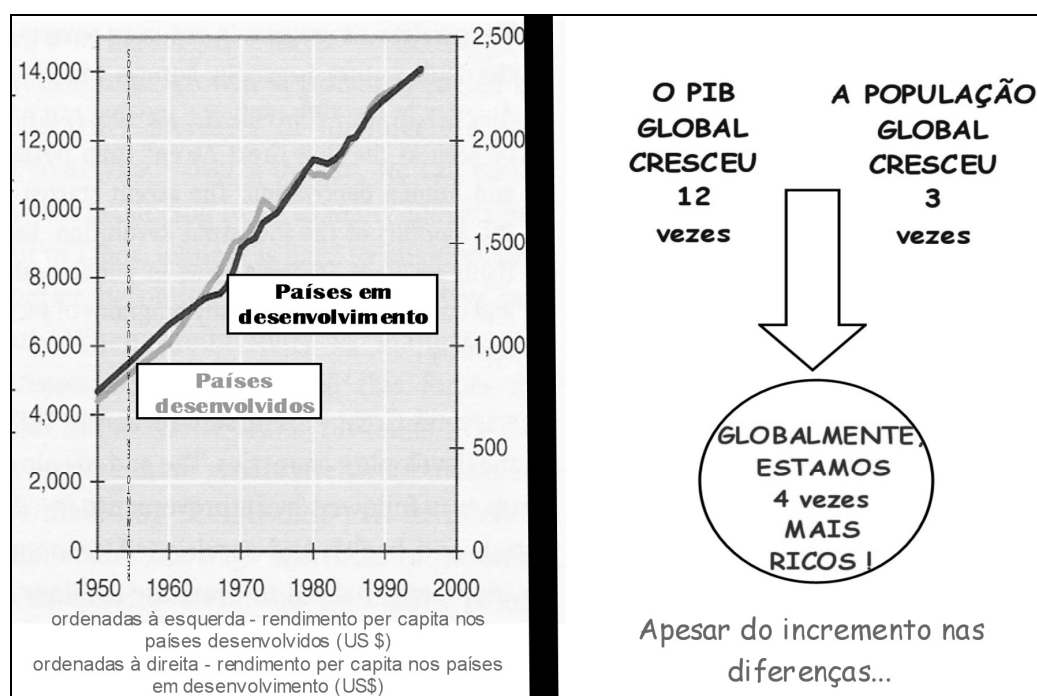


Fig. 5 – Globalmente, o PIB/capita cresceu de 1950 a 2000

E talvez possamos aproveitar a informação e o conhecimento, que são hoje bens ainda menos ‘escassos’ do que os ‘recursos naturais’, para fazer o DESIGN ARTIFICIAL de uma vida mais longa e com mais ‘qualidade’.

<sup>8</sup> Um indicador curioso é o número de telegramas de parabéns enviados pela rainha de Inglaterra aos seus súbditos que faziam 100 anos. Durante este período (1950-2000), esse número passou de 200 para 4000.

Para organizar socialmente essa vida em redes auto-catalíticas onde não haja lugar para um qualquer autoritarismo (que tende sempre a acentuar as desigualdades), pode-se lançar mão de um DESIGN BIOPOLÍTICO que abandone definitivamente qualquer ‘grande’ objectivo, como aquele que regia os antigos movimentos ditos revolucionários: TOMAR O PODER (Pereira, 2005).

Atendendo à criatividade que é própria da inteligência colectiva apoiada profusamente na informação e no conhecimento e na capacidade de manipular a matéria pelas nanotecnologias<sup>9</sup>, poder-se-á talvez pensar que a organização em rede se torna um fim em si próprio<sup>10</sup>, à maneira das mãos de ESCHER, cuja estrutura circular contrasta com a mão esmagadora de uma qualquer ideologia que se pense como detentora da verdade (ver Fig. 6). A organização em rede - orientada por micro-motivações e procurando *satisficing solutions* em vez de aparentes optimizações (levando aos pequenos objectivos imbricados propostos em Simon, 1996) – poderá ser a chave para um novo tipo de desenvolvimento que atenuie as desigualdades sem limitar o crescimento económico global, promovendo a melhor felicidade possível para o maior número de seres humanos.

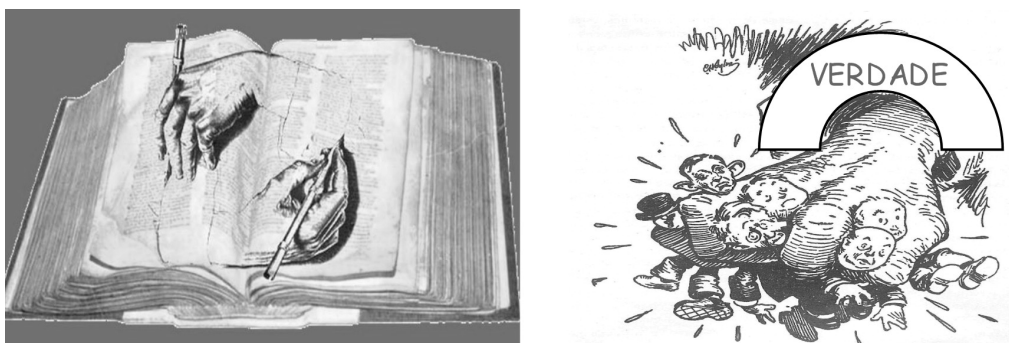


Fig. 6 – O novo modelo em rede vs. o ‘planeamento *top-down*’ das velhas ideologias dominadoras

<sup>9</sup> Uma revista tão popular como «The Economist» (june 11-17th 2005, pp. 35-37) dedica já um artigo à *bricolage* que é hoje possível efectuar a partir de pequenos sistemas pessoais (como um PC) que emulam, à escala do indivíduo, os pesados processos de CAM (*Computer Aided Manufacturing*) que marcaram o ocaso do fordismo. Passa-se assim dos *bits* aos átomos, manipulando a matéria em casa de cada um. Os objectos de que necessitamos (ou que desejamos) podem deste modo ser produzidos à medida, a partir de ‘matérias primas’ de baixo custo (ou mesmo de lixos industriais, contribuindo deste modo para minorar também o problema da contaminação ambiental...).

<sup>10</sup> Fim esse que permite que as pessoas ‘façam coisas’ autonomamente, sem ficar à espera que o ‘poder’ lhes seja outorgado (ou pretensamente ‘conquistado’, substituindo uma burocracia por outra). No tempo das ‘grandes narrativas’ em que as ideologias dominavam, dominava também o espectro da ‘recuperação pelo sistema’ de qualquer expressão de criatividade; hoje faz-se o *détournement* das ‘obras do sistema’, pondo-as ao serviço da criatividade (por exemplo, usando os satélites como veículo de comunicação autónoma).

## REFERÊNCIAS

- Fébvre, L. (1999) *A Europa*, Teorema, Lisboa.
- Langton. C. (2000) *Artificial life, an overview*, The MIT Press, Cambridge, MA.
- Pereira, H.G. (2000) *Arte Recombinatória*, Teorema, Lisboa.
- Pereira, H.G. (2005) O artificial na vida humana e na organização social, *Monde Diplomatique*, nº76, p. 32
- Simmons, I.G (1993 ) *Environmental history*, Blackwell. Oxford
- Simon, H. (1996) *The Sciences of the Artificial*, The MIT Press, Cambridge, MA.
- Rosa, A. M. (2005) Do espaço da física clássica ao espaço das redes, *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 34/35, pp. 81-99.
- Runnels, N. (1995) Environmental degradation in Ancient Greece, *Sc. Am*, v. 23, nº3, pp. 96-99
- Wolfram, S.(2002) *A new Kind of Science*, Wolfram Media, Inc, Campaign, IL